

# CLEÓPATRA PROSTITUÍDA OU A EVOCAÇÃO HISTÓRICA A SERVIÇO DA SÁTIRA

Alvaro Santos Simões Junior\*

## Resumo

Olavo Bilac (1865-1918), um dos principais poetas do parnasianismo brasileiro, publicou centenas de poemas satíricos em periódicos cariocas e paulistanos. A *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, foi o veículo principal dessa produção que criticava principalmente a vida social e política da então Capital Federal. Como intelectual orgânico dos grupos dirigentes, Bilac, em suas crônicas e sátiras, apoiava as iniciativas por vezes truculentas do poder público, que, nos primeiros anos do regime republicano, procurava controlar e disciplinar as chamadas “classes perigosas”. No texto “Cleópatra (ode moderna)”, publicado em 5 de maio de 1896 (p. 1, 6. col.), o poeta, sob o pseudônimo Fantasio, comparou uma prostituta carioca, expulsa da rua Senhor dos Passos pela repressão policial, à célebre rainha do Egito, amante de Júlio César e Marco Antônio. A comparação burlesca procurava expor ao ridículo a meretriz, mas a ironia do enunciado atingia até mesmo a autoridade policial. Em sua “ode moderna”, Bilac fez uso paródico de um dos principais motivos explorados pelos parnasianos: a evocação da Antigüidade.

**Palavras-chave:** Parnasianismo; Olavo Bilac; Sátira; Paródia.

## Abstract

Olavo Bilac (1865-1918), one of the main Brazilian parnasian poets, published hundreds of satirical poems in carioca and paulista newspapers and magazines. The *Gazeta de Notícias* in Rio de Janeiro was the principal outlet for these poems that in the main criticized the socio-political world of the then capital. Bilac, himself a part of the intellectual elite, supported the somewhat truculent initiatives of the ruling establishment, which, in the early days of republican regime, sought to police the so-called “dangerous classes”. In the text “Cleopatra (modern ode)”,

published on the 5th. of May, 1896 (p. 1, 6. col.), the poet compared a carioca prostitute, expelled from Senhor dos Passos street by the police, to the celebrated Queen of Egypt, mistress to Julius Caesar and Mark Anthony. The burlesque comparison attempted to pour ridicule on the whore, but the irony rebounded onto the police authority. In his “modern ode”, Bilac made parodic use of one of the principal motifs exploited by the parnasians: a harking back to Antiquity.

**Key words:** Parnassianism; Olavo Bilac; Satire; Parody.

Um dos aspectos mais notáveis da poesia de Olavo Bilac (1865-1918) é a evocação de personagens e episódios históricos ou míticos da Antigüidade. Em *Panóplias e Sarças de fogo*, de 1888, acolhem-se Nero, Marco Antônio, Páris, Helena, Messalina, Cípião Emiliano e Asdrúbal; em *As viagens*, de 1902, há sonetos dedicados a Alexandre e César; o livro póstumo *Tarde* (1919) abriga uma verdadeira galeria de personagens antigas: Prometeu, Hércules, Édipo, Aspásia de Mileto, Orfeu etc. O poeta brasileiro seguia os passos do mestre do parnasianismo francês, Leconte de Lisle (1818-1894), que exaltava as formas do pensamento e da beleza da Grécia Antiga e manifestava grande insatisfação com a sociedade moderna em geral e particularmente com a religião cristã.

A recordação dos heróis antigos talvez contribuísse para a popularidade de Bilac, que celebrava em sonetos as histórias venerandas que os leitores brasileiros aprendiam a admirar na escola.

De acordo com a visão modernista, a obsessão pela Antigüidade comprometia o vigor, a atualidade e a autenticidade da poesia parnasiana. Para Afonso Arinos de Melo Franco, por exemplo, os “episódios de uma História gongórica e heróica” seriam um dos motivos mortos da vo-

\* Doutor em Letras pela UNESP-Assis-SP. Professor do Departamento de Literatura — Faculdade de Ciências e Letras — UNESP, campus de Assis.

luntariamente impassível poesia parnasiana, que “mumificou cadáveres, vestiu e perfumou defuntos, colocando-os assim, hirtos e gélidos, nos sarcófagos de cristal dos alexandrinos”.<sup>1</sup>

Segundo Virgínius da Gama e Melo, defensor da estética parnasiana, a fuga para o passado explicaria um aspecto da poesia de Olavo Bilac deplorado pelo modernista Sérgio Milliet: seu suposto desinteresse pelos “fatos nacionais”.<sup>2</sup> Por não viver *no tempo*, o poeta também não viveria *o em torno*.<sup>3</sup>

Como o próprio Gama e Melo ressaltou, sua explicação seria apropriada apenas para a poesia parnasiana. Com efeito, a crônica e a sátira bilaquianas voltaram-se para os problemas de seu tempo e de sua cidade. Em sua obra, Bilac demarcou fronteiras entre dois estilos perfeitamente distintos: de um lado, o *estilo sério* dos poemas parnasianos, das conferências e de certas crônicas, dedicados ao belo e ao sublime, e, de outro, o *estilo leve* das sátiras e das crônicas descontraídas ou irreverentes, que tratavam das mazelas contemporâneas.<sup>4</sup> Seguidor de uma estética neoclássica, Bilac de certa maneira restabeleceu a regra clássica da separação de estilos, segundo a qual

*... a realidade quotidiana e prática só poderia ter seu lugar na literatura no campo de uma espécie estilística baixa ou média, isto é, só de forma grotescamente cômica ou como entretenimento agradável, leve, colorido e elegante.*<sup>5</sup>

Em “Cleópatra”, poema satírico publicado na *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, em 5 de maio de 1896, Bilac, sob a pele de Fantasio, estendeu ao estilo leve a evocação histórica, que via de regra ficava restrita ao estilo sério da poesia parnasiana.

## CLEÓPATRA (ODE MODERNA)

### I

Aquela egípcia encantadora e bela,  
Flor do Nilo Sagrado,  
Que foi o encanto de uma Idade, – aquela  
Que, aos seus pés prosternado,  
Viu o amoroso Antônio,

E do César cruel dormiu nos braços,  
– Veio um dia, por artes do Demônio,  
Morar na rua do Senhor dos Passos...

### II

Já não era a Cleópatra orgulhosa,  
Que, no sorrir jocundo  
Dos lábios cor de rosa,  
Tinha a sorte do mundo.  
Já não vivia agora, como d’antes,  
Entre escravas solícitas, deitada,  
Refrescando com leques de diamantes  
A carne perfumada...  
Já sobre um toro de ébano luzente,  
Ao brando murmúrio  
Dos abanos, — olhando a água corrente  
Do misterioso rio, –  
Toda abrasada da amorosa chama  
Que abate as forças e a paixão aviva,  
– Não tinha à beira da cheirosa cama  
A Charmion cativa...  
Já nem mesmo bebia  
Pérolas dissolvidas em vinagre...

### III

Vestia chitas ralas, e comia  
Carne seca e toucinho, arroz e bagre,  
A mísera rainha,  
De cuja fama antiga me recordo.  
Já nem ao menos tinha  
O aspecto das madamas de alto bordo.  
Já não ia ao teatro,  
Não ria, não ceava:  
Por três mil réis ou quatro,  
Pecava... e peçava.

### IV

Ai! Cleópatra linda,  
À sombra das pirâmides nascida!  
Não tinhas – pobre! – suportado ainda  
Todas as amarguras desta vida,  
Quando, longe dos braços  
Do teu formoso Antônio,

<sup>1</sup> ARINOS, Afonso. *Idéia e tempo: crônica e crítica*. São Paulo: Cultura Moderna, 1939. p. 9. V. também: BUENO, Alexei. Introdução geral. In: BILAC, Olavo. *Obras reunidas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996. p. 17.

<sup>2</sup> *Diário crítico de Sérgio Milliet*. 2. ed. São Paulo: Martins, 1981. v. 2 — 1944, p. 140.

<sup>3</sup> Cf. GAMA E MELO, Virgínius da. *O alexandrino Olavo Bilac*. João Pessoa: Departamento Cultural da Universidade Federal da Paraíba, 1965. p. 58.

<sup>4</sup> Leia-se a propósito fragmento de uma crônica de 1897, em que o poeta se opunha a um projeto de lei, então apreciado no Congresso, que visava proibir o anonimato e o pseudônimo na imprensa. “O uso do pseudônimo não quer dizer que o escritor não queira assumir a responsabilidade do que escreve: todo o mundo sabe, por exemplo, que Patrocínio é Proudhomme e que Proudhomme é Patrocínio. Mas, na produção intelectual de um jornalista, como na de um artista, há sempre a parte séria a que o escritor dá o seu verdadeiro nome, e a parte leve, humorística, que bem pode correr por conta de um pseudônimo transparente. / Para cada estilo, cada assinatura.” BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 25 jul. 1897. p. 1, 2. col.

<sup>5</sup> AUERBACH, Erich. *Mimesis*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998. p. 500.

À nossa rua do Senhor dos Passos  
Vieste parar, por artes do demônio!

V

Bartolomeu feroz, saneando a rua,  
Já sem teto te deixa,  
– Soltando, sem resposta, à luz da lua,  
A merencória queixa.  
Esta é a causa da tua desventura:  
Bartolomeu, furioso,  
Te quer na rua clássica e segura  
Da polícia... e do gozo...  
– Contenta o delegado!

VI

Rua do Lavradio! – abre os teus braços,  
Abre o teu casto seio sossegado  
À foragida do Senhor dos Passos!

FANTASIO

A sátira atacava o delegado da quarta circunscrição do Rio de Janeiro, que iniciara uma campanha de repressão ao baixo meretrício da praça Tiradentes e das ruas do Senhor dos Passos e Sete de Setembro. Durante as diligências policiais, as messalinas cariocas eram expulsas à viva força de suas casas, cujas portas eram trancadas e lacradas. Sem outra alternativa, muitas mudaram-se para o bairro de Estácio de Sá e para os subúrbios.

O assomo moralizador de Luís Bartolomeu era uma resposta às críticas do jornal *O País*, que diariamente clamava contra a prostituição sob a epígrafe “A podridão do vício”. Já a *Gazeta de Notícias*, onde Bilac publicava suas sátiras e crônicas, empenhava-se na defesa de um projeto de lei do deputado Érico Coelho, que pretendia instituir o divórcio no Brasil. A “ode moderna” poderia, portanto, ser uma provocação bem-humorada da folha liberal de Ferreira de Araújo às posições conservadoras do concorrente. Ambas as folhas, no entanto, utilizavam suas campanhas para sustentar o interesse do público leitor e conseqüentemente incrementar as vendas de exemplares avulsos e assinaturas.

A campanha policial pretendia “higienizar” as ruas do Centro, ou seja, livrá-las de uma abstrata sujeira moral. Na sociedade carioca da virada do século, invocava-se a Higiene para perseguir e reprimir tudo e todos que não correspondessem à imagem que a elite fazia de si mesma. Decretaram-se, por exemplo, inúmeras medidas administrativas, policiais e sanitárias para expulsar das áreas centrais da cidade o feio, o sujo, o mal vestido, o malandro, o pobre, o negro ou mestiço etc. As reformas urbanísticas promovidas

no início do século XX pelo prefeito Pereira Passos pretendiam reservar o Centro para usufruto quase exclusivo da elite carioca.

O poeta, que colocou a célebre rainha egípcia entre as mais baixas janelas cariocas, empregava o nome próprio Cleópatra como sinônimo de prostituta. Em crônica para *A Bruxa*, revista ilustrada que dirigia com o desenhista Julião Machado, Bilac chamou o delegado Bartolomeu de “propinador de *virgulina* moral às avariadas Cleópatras de sexta classe”.<sup>6</sup> (*Virgulina* era um medicamento muito acreditado no combate às “doenças profissionais” das prostitutas.) O poeta empregava o epíteto talvez porque considerasse que, de certa maneira, Cleópatra se prostituía ao utilizar a sua beleza física para, primeiramente, conquistar o apoio de Júlio César contra o seu irmão, Ptolomeu Aulete, com quem disputava o trono egípcio, e, posteriormente, para obter o perdão e a aliança de um dos triúmviros que se digladiavam pelo direito de suceder César. Com Marco Antônio, a egípcia dominou a porção oriental do império romano. Assim como Bilac, que no quarto verso da terceira estrofe dizia recordar-se da “fama antiga” da rainha, o leitor da *Gazeta* provavelmente conhecia desde a infância os célebres ardis empregados por Cleópatra para conquistar o coração dos imperadores romanos.

O poeta adotou a forma da ode para exaltar ironicamente a rainha prostituída. Os cinquenta e seis versos da sátira foram irregularmente divididos por seis estrofes pindáricas. São vinte e um decassílabos heróicos, vinte e cinco heróicos quebrados e dez decassílabos sáficos. O predomínio do acento na sexta sílaba poética deu ao texto uma acentuada regularidade rítmica, o que era condizente com o gosto parnasiano.

A personagem celebrada, Cleópatra ressurgida como prostituta reles, não estava à altura da celebração poética. Por isso, Bilac classificou o seu texto como “ode moderna” — como era *moderna* uma variante do jogo do bicho, como eram *modernas* certas práticas sexuais, como *moderno* era tudo que pudesse ser associado à decadência do fim do século. Vejam-se, a propósito, as múltiplas acepções em que é empregado o adjetivo *moderno* no *Dicionário moderno*, de Bock.<sup>7</sup>

O poeta contrastou a grandiosidade e o esplendor antigos, dignos de serem representados de acordo com o estilo sério, com a vulgaridade e a indigência contemporâneas. Assim, opôs os leques de diamantes e as pérolas dissolvidas em vinagre da rainha antiga (segunda estrofe) às chitas ralas e à carne seca da loureira carioca (terceira estrofe). Para a neoclássica estética parnasiana, não era possível utilizar a forma nobre e o estilo elevado para tratar da sujeira realista, que deveria ficar confinada ao estilo baixo da sátira. Obedecendo à separação de estilos, o poeta exaltara a sedu-

<sup>6</sup> ASTAROTH [pseudônimo de Olavo Bilac]. O carrilhão da Bruxa. *A Bruxa*. Rio de Janeiro, n. 14, p. 7, 8 maio 1896.

<sup>7</sup> Apêndice de: PRETI, Dino. *A linguagem proibida: um estudo sobre a linguagem erótica*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983.

tora beleza da rainha do Egito no poema “O sonho de Marco Antônio”, publicado nas *Panóplias (Poesias)*, 1888). Anos depois, um soneto do livro póstumo *Tarde* (1919) também seria dedicado à vaidosa amante de Júlio César.

O ápice da decadência da reencarnada rainha ocorreu quando o delegado higienista a expulsou de casa (quinta estrofe). O poeta atribuiu ao “Bartolomeu feroz” uma maliciosa intenção implícita. Se a rua do Lavradio, onde ficava a sede da polícia, continuava impunemente a ser o endereço de muitas profissionais do sexo, tornava-se possível a uma prostituta abrigar-se na vizinhança de seu perseguidor. Como Cleópatra no passado já saíra de situações embaraçosas graças ao seu poder de sedução, não lhe seria difícil conquistar a simpatia do complacente delegado... Convém lembrar, a propósito, que o Bilac satírico foi um crítico impiedoso das *debilidades morais* da polícia carioca, cuja cúpula era nomeada de acordo com conveniências políticas e cuja base era formada por elementos das chamadas “classes perigosas”, que, na época apropriada, transformavam-se em valentes e valiosos cabos eleitorais.

A equiparação da rainha antiga às mais desgraçadas meretrizes cariocas era propositadamente despropositada e visava provocar o riso no leitor. Havia no texto uma boa dose de escárnio dirigida contra as vítimas da repressão policial. No entanto, o grande alvo da sátira era o delegado e sua extemporânea ação “higienizadora” contra o que então se considerava “sujeira moral”. A polícia, que recebia propina de certas messalinas cariocas, perseguia as miseráveis da rua Senhor dos Passos, mas deixava em paz as “madamas de alto bordo” (terceira estrofe) — cupletistas, atrizes e *cocottes*, — que trabalhavam em hotéis, nos jardins dos teatros e na própria rua do Lavradio, e também fazia vistas grossas ao jogo do bicho, que se alastrava irresistivelmente pela cidade. O poeta considerava a perseguição injusta por punir mulheres indefesas simplesmente para acalmar os pruridos moralistas de um jornal que, para vender-se, perseguia as que se vendiam por quaisquer três mil réis, uma vez que já não estavam ao alcance de sua beleza o teatro e as ceias escandalosas.

Mesmo quando empregada em chave paródica para fins satíricos, a evocação da Antiguidade, lugar-comum do parnasianismo cultivado por franceses e brasileiros, revelava um certo inconformismo, uma certa insatisfação, um certo desencanto com a vida moderna. No estilo sério, a

exaltação dos heróis antigos expressava uma nostalgia (convencional ou apenas eventualmente sincera) de tempos supostamente mais nobres, mais aprazíveis, mais felizes. No estilo leve, a pretensa elevação estética ou ética do mundo antigo acentuava por contraste uma suposta decadência moral e intelectual da sociedade contemporânea.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARINOS, Afonso. *Idéia e tempo: crônica e crítica*. São Paulo: Cultura Moderna, 1939.
- ASTAROTH [pseudônimo de Olavo Bilac]. O carrilhão da Bruxa. *A Bruxa*. Rio de Janeiro, n. 14, 8 maio 1896. p. 7.
- AUERBACH, Erich. *Mimesis*. A representação da realidade na literatura ocidental. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998. (Estudos, 2).
- BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 25 jul. 1897. p. 1, 2. col.
- BRETAS, Marcos Luiz. Policiar a cidade republicana. *Revista OAB-RJ*. Rio de Janeiro, 22:47-60, jul. 1985.
- BUENO, Alexei. Introdução geral. In: BILAC, Olavo. *Obra reunida*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996. p. 13-83.
- CAVALCANTE, Berenice de O. Beleza, limpeza, ordem e progresso: a questão da higiene na cidade do Rio de Janeiro, final do século XIX. *Revista do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 95-103, set.-dez. 1985.
- FANTASIO [pseudônimo de Olavo Bilac]. Cleópatra (ode moderna). *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 5 maio 1896. p. 1, 6. col.
- GAMA E MELO, Virgínius da. *O alexandrino Olavo Bilac*. João Pessoa: Departamento Cultural da Universidade Federal da Paraíba, 1965.
- MILLIET, Sérgio. *Diário crítico de Sérgio Milliet*. 2. ed. São Paulo: Martins, 1981. v. 2 — 1944.
- PRETI, Dino. *A linguagem proibida: um estudo sobre a linguagem erótica: baseado no Dicionário moderno*, de Bock, de 1903. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983.
- SIMÕES JR., Alvaro Santos. *A sátira do Parnaso*. Estudo da poesia satírica de Olavo Bilac publicada em periódicos de 1894 a 1904. Assis, 2001. 389 p. Tese (Doutorado em Letras) Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.